

Stacey, Clare L. (2011), *The caring self: the work experiences of home care aides*, Ithaca and London, Cornell University Press, 199 páginas.

Joana Pimentel Alves
Universidade de Coimbra

The Caring Self: the work experiences of home care aides, de Clare L. Stacey, é um trabalho singular no âmbito dos estudos sobre o cuidado. Diferente por aquilo que escolhe observar, os/as cuidadores/as domiciliários/as remunerados, e pelo modo como o faz, optando por uma abordagem metodológica que combina entrevistas em profundidade com observação etnográfica dos contextos de produção de cuidado. O resultado é uma reflexão que traz a público quem cuida a partir do(s) espaço(s) onde o(s) cuidado(s) acontece(m), mas com interesse não só para quem estuda a produção do cuidado, como também os temas do trabalho, das desigualdades sociais e das questões de género.

Um dos pontos fortes desta obra é o seu objeto analítico. Pela sua invisibilidade social, os/as cuidadores/as domiciliários/as tendem a ser constantemente esquecidos/as pela academia, não tendo sido Stacey diferente a isto. Na introdução conta-nos como inicialmente não procurava fazer um trabalho sobre quem cuida, mas antes sobre os idosos e as pessoas com doenças crónicas, nomeadamente, aqueles/as com baixos rendimentos, com o objetivo de compreender como conseguiam viver num contexto que os invisibilizava. Algo que muda com a sua chegada ao terreno. «Na linha da frente do cuidado» confronta-se com outro tipo de invisibilidade, com a ausência de reconhecimento sentida por quem cuida, levando-a a mudar de objeto analítico (pp. 15-16). Vê surgir novas interrogações (p. 16), nascidas da observação de uma situação específica entre de Ruth e Annie, mas que trespassam largamente o âmbito daquela relação, e decide fazer uma (re)focalização teórica face ao seu projeto inicial. E isso dá um enorme peso à observação etnográfica no contexto desta obra.

Stacey propõe assim perceber como é que os/as cuidadores/as domiciliários pagos encontram significado e identidade no trabalho de cuidar – ao que chamou *the caring self* – dentro de um contexto de real desvantagem estrutural (pobreza, aumento do volume de trabalho, baixos salários e poucos benefícios).

O livro divide-se em duas partes. Na primeira parte, em dois capítulos, procura perceber os percursos dos/as cuidadores/as e como estes influenciam a sua relação com o cuidado. Conclui serem transversais a todas as pessoas que entrevistou duas coisas: o contexto de desvantagem estrutural que estão sujeitas e a existência de experiências passadas como cuidadores/as informais.

No primeiro capítulo, «Os custos do cuidado» (pp. 24-42), faz uma discussão sobre a correlação entre a desigualdade social (de origem) dos/as cuidadores/as e a prestação de cuidados domiciliários. A história de Lette, uma mexicana emi-

grada nos EUA, torna evidente como fatores políticos, económicos e biográficos «empurram» determinadas pessoas para a única atividade disponível no setor dos serviços, um trabalho que é desigual, invisível e mal pago. Quem aceita este trabalho são especialmente mulheres com baixos níveis de escolaridade e provenientes de contextos desfavorecidos, para as quais não existem outras alternativas, e cuja aceitação do trabalho presente não permite suplantar as suas condições de origem, pelos baixos salários auferidos e pelos benefícios serem praticamente inexistentes.

Através das biografias dos/as cuidadores/as Stacey percebe que, embora os cuidados se alimentem das desigualdades estruturais, quem cuida encontra significado e identidade no trabalho de cuidar. A análise das «trajetórias de cuidado» revela assim que a maioria dos entrevistados/as havia cuidado de alguém que lhes era próximo antes de se tornarem cuidadores/as formais. A sua familiaridade com o fenómeno acaba a ser usada como justificativa para posição atual. Cuidar é uma competência «natural» que mobilizaram inicialmente para cuidarem gratuitamente dos mais próximos e que agora serve de mais-valia para desempenharem um papel no mercado de trabalho pago. Mas ao colocarem a ênfase na «naturalidade», ao invés de evidenciarem os constrangimentos que no passado os/as levaram a assumir obrigações de cuidado, parece não existir consciência da sua parte, nomeadamente das mulheres, da pressão cultural para cuidar.

No segundo capítulo (pp. 43-84), conhecemos melhor, através de uma descrição etnográfica, como são prestados os cuidados. A natureza e a intensidade (física e emocional) das tarefas desempenhadas, levam Stacey a referir-se ao cuidado domiciliário pago como um «trabalho sujo». «Sujo» mais pelos impactos negativos, do que pela natureza das atividades: pelo desgaste físico, psicológico, pelos baixos salários e pela ausência de proteção social, quem cuida está sujeito a um trabalho muito exigente e pesado que nem sempre consegue gerir. Apesar disso, as pessoas desenvolvem laços entre si, que valorizam nos seus discursos, e isso complexifica as relações. Cuidar dia e noite de pessoas (muito) dependentes não é fácil e muitos fazem-no durante mais horas que aquelas que estão estabelecidas nos seus contratos de trabalho, sem exigirem qualquer tipo de compensação financeira por isso. A componente emocional é valorizada e as razões utilitaristas parecem nem entrar na equação quando a autora os/as interroga sobre as relações que estabelecem com quem cuidam. Por mais «sujo» que seja o trabalho, só os laços (afetivos) parecem importar.

A segunda parte da obra inicia com o terceiro capítulo. Neste refletem-se «As recompensas de cuidar» (pp. 85-136). Num trabalho tão duro e tão desigual, parece não haver lugar a recompensas (positivas). Mas, como ficou evidente no último capítulo, quem cuida aprende a valorizar a componente afetiva e isso torna-se o elemento chave para a construção do *the caring self* (pp. 107-125): uma identidade situada que permite aos/às cuidadores/as «(...) comunicarem a si mesmos e aos outros que o seu trabalho é motivado por razões altruístas e de grande qualidade» (p. 107). Percebe-se, assim, o porquê destas pessoas continua-

rem a cuidar apesar do estigma e exploração de que são alvos. Cai por terra a certeza generalizada de que estas pessoas cuidam porque não existem melhores alternativas de trabalho? Não, pois é certo que tal acontece. No entanto, o reconhecimento da existência do *the caring self* mostra-nos um outro lado da realidade, muitas vezes esquecido neste tipo de estudos: muitas pessoas escolhem fazer este trabalho. Claro que a formação desta identidade não é inume a fatores como a raça, classe e o gênero, e que estes são cruciais para o modo como se realizam e sentem no trabalho: mulheres e homens sentem e realizam o seu trabalho diferentemente, e as cuidadoras afro-americanas experienciam situações de discriminação racial que afetam profundamente o modo como cuidam e a narrativa sobre o cuidado.

Em «Organizando o cuidado domiciliário» (pp. 137-155), quarto capítulo, Stacey explora a questão da defesa dos trabalhadores deste setor, especificamente através da sua sindicalização. A autora conclui que seria importante ouvir a voz destas pessoas e dar-lhes destaque nas investigações sobre o trabalho e sindicalismo, o que não tem acontecido. Percebe também que poucos/as trabalhadores/as estão sindicalizados e que existe um desfasamento entre os interesses destas pessoas e a agenda dos sindicatos.

Na «Conclusão: melhorar as condições de prestação do trabalho pago» (pp. 156-169), Stacey sumariza as principais questões debatidas nesta obra, com destaque para as questões sobre a identidade e a desigualdade existentes no cuidado domiciliário. Deixa ainda um importante alerta sobre o *the caring self*: é que embora este reforce o compromisso entre os/as cuidadores/as e as pessoas cuidadas, ele é «perigoso» nomeadamente para as mulheres. E não deixa de explicar-nos porquê: para Stacey este essencializa o papel das mulheres como cuidadoras, focando as suas competências naturais para cuidar e obscurece aquela que, no seu ponto de vista, deveria ser «a» questão: a remuneração digna do trabalho de cuidar.

No início deste texto, disse que a obra de Stacey interessava a um público mais amplo que aquele que à partida o título parecia anunciar. A recensão agora a chegar ao fim, dá conta da complexidade das questões trazidas por esta obra e dos muitos contributos que nos deixa. Stacey coloca em evidência aspetos muitas vezes esquecidos nos trabalhos sobre a produção de cuidado. Destaque para os «percurso de cuidado» dos/as cuidadores/as, essenciais para compreendermos como quem cuida vê o cuidado e ao seu papel, ou a importância do contexto em que o cuidado é produzido para percebermos o modo como as relações se desenvolvem, a relevância dada aos laços afetivos desenvolvidos nas relações de cuidado e papel que assumem na construção do *the caring self*. Não obstante, Stacey esquece outros aspetos que tornariam o seu trabalho ainda mais interessante. Em primeiro lugar, dá pouca relevância ao papel da pesquisa etnográfica para esta investigação, apesar desta ter sido uma mais-valia para a realização deste trabalho e um dos aspetos que o tornam atípico. Depois, apesar da importância dada aos laços afetivos para perceber o que leva as pessoas a cuidarem, a autora esquece um contributo teórico que lhe teria sido muito útil para aprofundar esta questão.

Refiro-me ao paradigma da dádiva. Por fim, penso que seria de esperar mais discussão teórica feminista por parte de uma autora que tem trabalhado a questão. A obra em tudo teria ganho com uma maior problematização sobre a questão entre o cuidado e as mulheres e a recuperação de teóricas como Carol Gilligan, Joan C. Tronto, Eva Feder Kittay, ou o trabalho de Nancy R. Hooyman e Judith Gonyea que segundo o olhar crítico da perspectiva feminista analisa a prestação de cuidados nos Estados Unidos.

Ostrouch-Kamińska, Joanna, Fontanini, Christine, Gaynard, Sheila, (Eds.) (2012), *Considering gender in adult learning and in academia: (in)visible act*, Wrocław, Wydawnictwo Naukowe Dolnośląskiej Szkoły Wyższej, 226 pp.

Maja Maksimović and Tamara Nikolić Maksić
Faculty of Philosophy, University of Belgrade, Serbia

With the global economic crisis, European adult education discourse has been overwhelmed with the issues of employability and there is a growing tendency for learning to be reduced to skills development, which is already evident in the recent EU documents. Emancipatory vision of adult education seems to be forgotten or used as a decoration to competitiveness and economic growth. There is «a silence on gender issues in adult education» (p. 12). In spite of long lasting resistance toward gender issues, since 1996 the Network has been successful in gathering researchers interested in problematization of gender in adult education and learning, and in keeping debates alive and provocative. It has raised interdisciplinary discussions related to *theoretical aspects* of gender such as gendered learning, masculinities-femininities, objective/situated knowledge etc. *Methodological dimensions* were also analysed through gender lenses which questioned andocentric epistemology and mainstream research approaches which privilege measurement and objectivity at the expense of narratives and subjective. Although gender is not neglected topic in education, academics and international organizations are mainly concerned with gender equality in formal education. Gender dimension in adult education in Europe remains marginalized. There is a great need to deconstruct obvious and visible, to enter hidden places and ambiguities and explore the grey area of gendered learning which goes much deeper than gender differences.

The book *Considering gender in adult learning and in academia: (in)visible act*, edited by Joanna Ostrouch-Kamińska, Christine Fontanini and Sheila Gaynard, is